

DANÇAR A VIDA PARA NÃO “DANÇAR NA VIDA”: UM ESTUDO SOBRE OS ASPECTOS “DISRUPTIVOS” NA DANÇA TRIBAL!

Jamille Berbare, Romualdo Dias (UNESP – Rio Claro).

Jamille Berbare, 23 anos, está cursando o 5º semestre de Bacharelado em Educação Física na UNESP campus Rio Claro-SP, atualmente possui Projeto de Extensão de Tribal Fusion na mesma Instituição. É integrante da Cia. Shaman Tribal como corpo de baile principal.
Email: jamilleberbare@yahoo.com.br

Resumo

Apresentamos aqui os resultados parciais de nosso estudo sobre os aspectos “disruptivos” presentes na dança tribal. Denominamos como aspectos “disruptivos” aqueles elementos, que a partir de uma linguagem corporal, denotam um movimento de ruptura frente aos dispositivos de dominação exercidos sobre todos nós por meio do atual modelo de capitalismo. Estamos investigando os modos como os sujeitos podem enfrentar as investidas de colonização que o capitalismo neoliberal está exercendo sobre os nossos corpos no cotidiano da vida urbana.

Nosso ponto de partida é uma exposição de nossa própria experiência com a dança. Aí identificamos nossas inquietações para, a partir delas, elaborar a questão que delimita o nosso objeto de estudo. As nossas inquietações nos fornecem a matéria prima para nós formularmos a nossa pergunta sobre os elementos “disruptivos” que estão presentes na dança de um modo geral, e na dança tribal, de modo específico.

Palavras-chave: Tribal *Fusion*, subjetivação, sociedade contemporânea.

DANCING THE LIFE FOR NOT “DANCE IN LIFE” A STUDY ABOUT THE “DISRUPTIVE” ASPECTS IN TRIBAL DANCE!

Abstract

The present work shows the partial results of our study about the “disruptive” aspects present in tribal dance. We call “disruptive” aspects those elements, that through a body language, denote a movement of breach facing the domination devices exercised over all of us by the actual model of capitalism. We are investigating the manners how the subjects can confront the colonization onslaught that the neoliberal capitalism is prosecuting over our bodies in urban life day by day. We start from an exposition of our own experience in the dance. There we recognize our concerns to, starting from them, elaborate the questioning delimiting our study object. Our concerns provide the raw material to formulate our question about the “disruptive” elements found in dance in a general way, and specific in the tribal dancing.

Keywords: Tribal fusion, subjectivity, contemporary society.

Introdução

O título de nosso trabalho explicita o nosso diálogo com o filósofo francês Roger Garaudy, por meio da leitura do seu livro “Dançar a vida”. Nesta leitura ressaltamos os aspectos filosóficos com o objetivo de elucidar a formulação de nossa questão política sobre a dança no meio urbano contemporâneo. Este estudo se situa no campo dos estudos sobre os processos de subjetivação na sociedade contemporânea. Aprofundamos nossa compreensão sobre os processos de subjetivação implicados nos processos educacionais.

Além da descrição de nossa experiência e do diálogo com Roger Garaudy, nós agregamos ao esforço de formular a nossa questão, os aspectos instigadores apresentados no documentário PINA, dirigido por Wim Wenders. Assumimos o convite formulado por Pina Bausch que nos diz: “Dancemos, dancemos, senão estaremos perdidos...” Vemos nestas palavras um elemento provocador suficientemente forte para disparar em nós a busca pela compreensão, no corpo e na palavra, sobre as implicações entre processos de subjetivação e os esforços necessários para efetuarmos o chamado trabalho da “escultura de si”, como um trabalho de nunca acabar.

Com o foco nos elementos “disruptivos”, é que partimos ao encontro dos estudos realizados por Michel Foucault. Assumimos as categorias “biopoder” e “biopolítica”, tal como Foucault elaborou nos diversos cursos proferidos no *Collège de France*, para analisarmos nossa experiência com a dança e a experiência de um grupo específico, situado em Rio Claro, que pratica a dança tribal *fusion*.

Após a leitura de alguns textos selecionados na obra de Michel Foucault, nós partimos para os estudos de Gilles Deleuze e Felix Guattari. Aqui o nosso esforço consiste em trazer para as análises a categoria do “corpo sem órgãos”, tal como Deleuze buscou no teatro de Artaud.

Lançamos mão também da categoria “corpo paradoxal”, no modo como está apresentada nos estudos sobre corpo e movimento realizados por José Gil. E utilizamos também a categoria “corpo vibrátil” conforme a formulação estabelecida por Suely Rolnik.

Todo nosso percurso teórico tem como pano de fundo mais amplo a leitura sobre a estética formulada nas obras de Friedrich Nietzsche. Nosso estudo sobre a dimensão política do movimento visa aprofundar uma compreensão e um referencial sobre a estética da existência, buscando recursos para nos fortalecer em nossas experimentações, em meio à vida urbana, como forma de apropriarmos de nossa potência de criação.

Para nós está claramente configurado um campo de luta. Olhamos para a cidade em uma perspectiva da macropolítica para enfatizarmos a dimensão da violência que aumenta a cada dia e sucumbe a todos nós. Já em uma perspectiva micropolítica enfatizamos o estado de solidão em que se encontram os indivíduos nesta vida na cidade atual. Portanto, a vulnerabilidade da vida se apresenta escancarada nestas condições de insegurança provocada pela violência urbana e também pela solidão imposta a todos. Os vínculos de relacionamento estão se estilhaçando a cada dia que passa. Tudo isso resulta em extremo sofrimento para todos nós. Por isso, buscamos na dança, também um recurso para sararmos estas nossas feridas em meio a uma teimosia de experimentação coletiva por uma vida com mais saúde.

Em nosso esforço para delimitação de nosso objeto de estudo nós escolhemos colocar o foco sobre a dança tribal *fusion*. Trazemos a história de sua formulação para efetuarmos um provocador confronto com os dispositivos de controle exercidos pelo capitalismo neoliberal sobre os nossos movimentos. Ampliamos esta análise com a compreensão de que tais dispositivos também nos informam sobre uma atualização de mecanismos de colonização, em curso atualmente. Entendemos que o capitalismo neoliberal coloniza o território invisível da alteridade, isto é, coloniza esta fronteira estabelecida entre nós no trabalho da “escultura de si”, enquanto um trabalho de nunca acabar.

O enfrentamento desta colonização, como uma opção clara de luta com todo o nosso corpo envolvido, nos ajuda a discutir sobre a dimensão política da dança. Neste caso específico da dança tribal, queremos fazer um trabalho de arqueologia para verificar nos movimentos os sinais de algo primitivo ou de algo nômade. Vemos nesta dimensão do “primitivo em nós” e do “nômade em nós”, elementos suficientemente fortes para aproximarmos a prática da dança tribal de algo que se assemelha a uma busca ativa e clara dos elementos de ancestralidade que estão presentes na cultura brasileira.

A dança tribal (*Tribal Fusion*) se apresenta para nós como algo muito além de uma dança, é a arte que consegue expressar todos os nossos sentimentos, é a dança que se implica em nosso modo de conceber nossa presença no mundo, ou a nossa condição de troca com o mundo. Podemos indicar que esta modalidade de dança proporciona estados de transe, espécie de fluxo com o mundo, com condição de interferir no movimento de nossos pensamentos, na constituição de nossa consciência. Aqui estamos atentos ao componente da memória. Algo de nossa ancestralidade pode estar em nossos corpos e nos interessa investigar para nos apropriarmos destes elementos em benefício de nossa potência de criação. Nesta lida com a memória, por meio de identificação das marcas de ancestralidade, queremos conferir o quanto a

dança tribal nos oferece fortes recursos na mobilização de uma contra globalização, que está emergindo nos meios urbanos.

Na dança relacionamos esta nomeação tribal principalmente com a arte dos povos, mas também com qualquer arte de dança de uma determinada tribo ou grupo social e/ou histórico com relevância para a história da arte na humanidade. Dessa forma temos que o estilo de dança tribal não é um resgate, uma releitura do antigo, e sim uma nova forma de expressão da energia da dança da humanidade.

As formas de dança tribal e o *American Tribal Style* (ATS) tem suas raízes em um movimento dos anos 70 nos EUA, majoritariamente dirigidos por grupos “folclóricos” que faziam suas performances na *Renaissance Faire*, na Califórnia. Inspirados em geral por movimentos e roupas das culturas tribais do Oriente Médio, norte da África e Espanha, quando os grupos se nomearam “Tribal Califórnia”, a dança era uma conglomeração de diferentes influências. E a ideia de coro, antes um conceito do balé para todos, foi introduzido neste mundo da dança.

O estilo Tribal é uma modalidade de dança que funde arquétipos, conceitos e movimentos de danças étnicas das mais variadas regiões, como o Flamenco, a Dança Indiana e danças folclóricas de diversas partes do Oriente, desde as tradicionais manifestações folclóricas já bem conhecidas pelas bailarinas de dança do ventre às danças tribais da África Central, chegando até as longínquas tradições das populações islâmicas do Tajiquistão.

Rico em dramaticidade e plasticidade, o Tribal tem conquistado a atenção do público pela audácia em agregar elementos culturais diferentes e pela característica anacrônica: ao passo que evoca personagens míticos e arquetípicos do passado, transportando o público à sua raiz antropológica, também traz elementos contemporâneos muito inovadores enquanto proposta artística, ratificados em uma indumentária tão intrigante quanto a dança, com todos esses componentes convivendo harmonicamente entre si.

Trabalhar com a memória no campo da dança e da terapia opera-se com manifestações espontâneas do inconsciente, organizadas pelo ego. Ao usar nosso arsenal de lembranças estamos acionando importante instrumento de diálogo interno. Esse diálogo pode preferencialmente ser uma possibilidade de arrumação da “casa interior”, e aí se trata de um recurso terapêutico, ou uma possibilidade de transfiguração do cotidiano, de desbanalização do gesto ou de outro veículo expressivo qualquer, e aí se trata de um *approach* artístico. Todo exercício de demarcação de fronteiras é uma convenção de natureza histórica, sociocultural e política. Essa demarcação acaba definindo áreas e lugares institucionais de atuação, transmissão de saberes e conhecimentos e inserção profissional, técnicas e abordagens de si mesmo

e do mundo, processos de legitimação e reconhecimento, estratégias de luta para ocupação de certos espaços e de convencimento e formação de opinião.

O tribal *fusion* é considerado uma dança contemporânea que possui um conceito do tipo “guarda-chuva” que abarca construções coreográficas muito diversas de variados lugares e culturas ao redor do mundo. Faz-se dança contemporânea em diversos países e em cada um desses se produz obras que são frutos de redes de influências e contágios múltiplos. A diversidade é, pois, uma das marcas de dança contemporânea. Fruto da experiência do balé clássico, da dança moderna, da dança expressionista, de influências orientais e de modos recentes e urbanos de se movimentar, como *hip hop* e a *street dance*, a dança contemporânea é hoje uma construção estética consistente.

Além de ter uma fusão de várias danças, o tribal se inspira na dança-teatro de Pina Bausch, herdeira do expressionismo, mostra entre outras preocupações a de relacionar expressão corporal e verbal, movimento social (teatral) e abstrato (dança). O emprego de recursos do teatro e da dança propõe um diálogo e sobreposição entre diferentes linguagens para multiplicar seus significados, abrindo possibilidades de interpretação e, em movimentos especiais, permitindo a percepção da própria linguagem.

Considerações Finais

Enfim, nosso estudo já apresenta elementos suficientemente fortes para nós enfatizarmos os aspectos “disruptivos” da dança, em meio a convívio possível nas cidades atuais. Nossas análises se empenham em destacar os elementos que possam confirmar uma dimensão política da dança diretamente relacionada com o risco de nos perdermos em meio à barbárie urbana, tal como nos alerta Pina Bausch quando insiste que dançemos. Ou então, nosso estudo pode nos ajudar a nos convencer a nós mesmos e a tantos outras sobre esta urgência de aprender a dançar para não “dançarmos na vida”!

Referências

- CALAZANS, J., CASTILHO, J., GOMES, S. **Dança e educação em movimento**. São Paulo: Cortez, 2003.
- FERNANDES, C. **Pina Bausch e o wuppertal dança-teatro: repetição e transformação**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- ORTEGA, F. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- RICHARDS, T. **The belly dance book**. Concord, California: Backbeat Press, 2000.

SIQUEIRA, D. da C. O. **Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena.** Campinas: Autores Associados, 2006.

VELLOSO, M. P., ROUCHOU, J., OLIVEIRA, C. **Corpo: identidades, memórias e subjetividades.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.